



ORBIS

Boletim do
LEPEB-UFF



VOL.3 – Nº 9
MAIO-AGOSTO/2025
ISSN: 2965-2235

A indústria de defesa turca e a cooperação Sul-Sul com a África e Ásia Central

Alana Tenório*

Nas últimas duas décadas, a Turquia tem se afirmado como um ator cada vez mais ativo no sistema internacional. Além disso, o país tem investido de forma consistente na consolidação de uma autonomia estratégica, combinando desenvolvimento tecnológico em defesa, diplomacia ativa e cooperação com diferentes parceiros. Esse processo projeta o país não apenas como consumidor de segurança, mas como fornecedor de capacidades militares e políticas, reposicionando-o dentro de uma configuração geopolítica que ultrapassa os limites de uma potência meramente regional.

O desenvolvimento da Base Industrial de Defesa turca está fortemente relacionado com as mudanças do Sistema Internacional que possibilitaram desafios e oportunidades. O sistema internacional multipolar do período entre guerras (1918-1939), por exemplo, possibilitou à Turquia o estabelecimento de relações com grandes potências, novos investimentos internacionais e desenvolver sua indústria de defesa, enquanto a bipolaridade da Guerra Fria trouxe impactos negativos com o congelamento da industrialização da defesa na Turquia (EGELI et al, 2024).

Até a década de 1990, a Turquia possuía uma base industrial de defesa pouco desenvolvida e com forte dependência de fornecedores externos, sobretudo dos Estados Unidos e dos países europeus. Essa situação expunha Ancara a embargos frequentes e limitava significativamente sua margem de autonomia estratégica (EGELI et al, 2024).

Desde os anos 2000, a Turquia vem implementando um processo sistemático de fortalecimento de sua base industrial militar, com o objetivo explícito de reduzir dependências tecnológicas externas e ampliar sua margem de autonomia estratégica. Esse movimento intensificou-se especialmente após restrições impostas por aliados ocidentais em momentos de tensão política, o que reforçou a percepção de vulnerabilidade estrutural do país (OZLU, 2021)

Como observa Kurç (2017, p. 260), o processo de industrialização do setor de defesa turco combina ambição de autonomia com persistentes interdependências globais, configurando um modelo híbrido. Ainda assim, o avanço tecnológico no segmento de sistemas aéreos não tripulados consolidou-se como símbolo dessa transformação. O desenvolvimento do *Bayraktar TB2* não apenas elevou a

capacidade operacional das forças armadas turcas, mas também inaugurou uma nova fase de inserção internacional baseada na exportação de tecnologia militar própria.

Essa dinâmica está inserida em uma política externa mais assertiva, frequentemente descrita como multidimensional. Ao expandir sua presença em regiões tradicionalmente periféricas à sua diplomacia, como África e Ásia Central, a Turquia reposiciona-se como potência média tecnológica. Nesse contexto, a indústria de defesa deixa de ser um componente subordinado e passa a ocupar papel estruturante na arquitetura da política externa.

A Diplomacia dos Drones: Exportações, Influência Estratégica e Reconfiguração da Cooperação Sul-Sul

O sucesso operacional do *Bayraktar TB2* em conflitos como Síria, Líbia e Nagorno-Karabakh projetou internacionalmente a eficácia do sistema, reforçando sua reputação como alternativa custo-efetiva em um mercado global altamente competitivo. Esse desempenho ampliou a demanda internacional, especialmente em países que buscam modernizar suas capacidades militares sem depender exclusivamente de fornecedores tradicionais do Norte Global.

Na África, a estratégia turca combina exportação de drones, cooperação militar, abertura de representações diplomáticas e intensificação de parcerias econômicas. A expansão da presença turca no continente ao longo da última década foi acompanhada por acordos de defesa e treinamento militar. Siradağ (2025, p. 21) observa que o engajamento turco na área de segurança integra uma estratégia mais ampla de consolidação de influência política e econômica.

O caso da Somália ilustra essa lógica. A instalação de uma base militar turca em Mogadíscio e os acordos de cooperação em defesa precederam a consolidação da venda de sistemas não tripulados, demonstrando que a exportação de drones é parte de um pacote estratégico mais amplo (ÖZYUGUN, 2025, p. 4). A indústria de defesa funciona, nesse sentido, como vetor de construção de vínculos institucionais duradouros entre forças armadas, criando dependência operacional associada à manutenção, treinamento e atualização tecnológica.

Na Ásia Central, a cooperação com países como Cazaquistão e Quirguistão ocorre em um contexto geopolítico marcado pela influência russa e chinesa. A oferta turca apresenta-se como alternativa intermediária, combinando proximidade cultural e narrativa de solidariedade entre países do Sul com tecnologia militar competitiva

(DAL, 2018).

Essa estratégia reforça a imagem da Turquia como ator capaz de oferecer diversificação estratégica a Estados que buscam maior autonomia decisória. Entretanto, a chamada cooperação Sul-Sul no campo da defesa apresenta ambivalências. Embora a retórica enfatize horizontalidade e parceria, a relação tecnológica permanece assimétrica. Como argumenta Stuenkel (2016, p. 92), as novas dinâmicas do Sul Global não eliminam hierarquias, mas as reconfiguram em novas bases institucionais e tecnológicas. No caso turco, a dependência não desaparece; apenas desloca-se para outro polo fornecedor.

Além disso, a expansão do uso de drones em contextos de conflito africanos tem suscitado debates sobre impactos humanitários e responsabilidade internacional. Relatórios recentes indicam que a difusão desses sistemas amplia a capacidade de projeção militar de Estados com limitada supervisão institucional, introduzindo novas variáveis no debate sobre governança global de armamentos (THE GUARDIAN, 2025). Assim, a diplomacia dos drones insere a Turquia em um debate mais amplo sobre exportação de tecnologia militar por potências emergentes.

Considerações finais

A consolidação da indústria de defesa como instrumento de política externa revela uma inflexão qualitativa na estratégia turca. Ao articular exportações militares, cooperação institucional e narrativa de solidariedade Sul-Sul, Turquia constrói um modelo híbrido de projeção internacional que combina pragmatismo comercial e cálculo geopolítico.

É importante destacar que essa expansão também evidencia limites estruturais, pois apesar da produção doméstica de drones representar um avanço significativo em termos de autonomia, a cadeia produtiva permanece parcialmente integrada a componentes estrangeiros, demonstrando que a autossuficiência plena ainda não foi alcançada (KURÇ, 2017, p. 270). Além disso, a própria natureza da exportação de sistemas complexos implica manutenção de vínculos técnicos permanentes entre fornecedor e comprador.

A região da África e Ásia Central emergem, portanto, como laboratórios da diplomacia tecnológica turca. Nesses espaços, a Turquia experimenta um modelo de inserção internacional baseado na combinação entre indústria de defesa e cooperação estratégica. O resultado é a ampliação de sua presença geopolítica sem recorrer a mecanismos tradicionais de intervenção direta.

Em síntese, a diplomacia dos drones demonstra que, no sistema internacional contemporâneo, a capacidade de produzir e exportar tecnologia militar tornou-se ativo diplomático de primeira ordem. A Turquia posiciona-se como potência média tecnológica que utiliza sua indústria de defesa para redefinir padrões de cooperação Sul-Sul. Contudo, o equilíbrio entre autonomia estratégica e reprodução de novas dependências permanece como questão central para avaliar a sustentabilidade de sua inserção no Sul Global.

Referências

DAL, Emel Parlar. Conceptualising and testing the “new” Turkish foreign policy doctrine. **Third World Quarterly**, v. 39, n. 2, 2018, p. 283–301.

EGELI, Sıtkı. **Adapting security: The intersection of Türkiye’s foreign policy and defence industrialisation**. London: IISS, 2024. Disponível em: <https://www.iiss.org/research-paper/2024/05/from-client-to-competitor-the-rise-of-turkiyes-defence-industry/>. Acesso em: 11 fev. 2016

KURÇ, Çağlar. Between defence autarky and dependency: the dynamics of Turkish defence industrialization. **Defence Studies**, v. 17, n. 3, 2017, p. 260–281.

ÖZLÜ, Hüsnü. The Foundation and Development of Turkey’s Defense Industry in the Context of National Security Strategy. **Perceptions**, v. 26, n. 2, 2021, p. 216-240. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/2181959>. Acesso em: 12 fev. 2026.

ÖZYUGUN, Mert Efe. Türkiye’s Contribution to Modernization of Africa’s Security and Defense Autonomy. **Journal of Central and Eastern European African Studies**, v. 5, n. 2, 2025.

SIRADAĞ, Abdurrahim. Türkiye’s growing involvement in security in Africa. **Turkish Journal of African Studies**, v. 2, n. 1, 2025, p. 19–32. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/4657119>. Acesso em: 11 fev. 2026.

STUENKEL, Oliver. **Post-Western World: How Emerging Powers Are Remaking Global Order**. Cambridge: Polity Press, 2016.

THE GUARDIAN. **Drone attacks killing hundreds of civilians across Africa, says report.** The Guardian, publicado em 10 mar. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2025/mar/10/drone-attacks-killing-hundreds-of-civilians-across-africa-says-report>. Acesso em: 11 fev. 2026.

*Graduada em Relações Internacionais (UNIFAP) e mestranda em Segurança Internacional e Defesa (ESG). E-mail: alana.tenorio@esg.br